



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
E MATEMÁTICA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**ANGELA MILANIA PROCOPIO DA SILVA**

**PRÁTICAS PRODUTIVAS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NA  
ESCOLA DO ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO**

**SUMÉ - PB  
2018**

**ANGELA MILANIA PROCOPIO DA SILVA**

**PRÁTICAS PRODUTIVAS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NA  
ESCOLA DO ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO**

**Artigo Científico apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para a Convivência com o Semiárido do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Silva.**

**SUMÉ - PB  
2018**

S586p Silva, Angela Milania Procopio da.  
Práticas educativas para convivência com o Semiárido na Escola do Assentamento Zé Marcolino. / Angela Milania Procopio da Silva.  
- Sumé - PB: [s.n], 2018.

25 f.

Orientadora: Professora Dr.<sup>a</sup>. Maria do Socorro Silva.

Artigo Científico - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para Convivência com o Semiárido.

1. Educação do Campo. 2. Práticas produtivas – educação. 3. Práticas pedagógicas. I. Título.

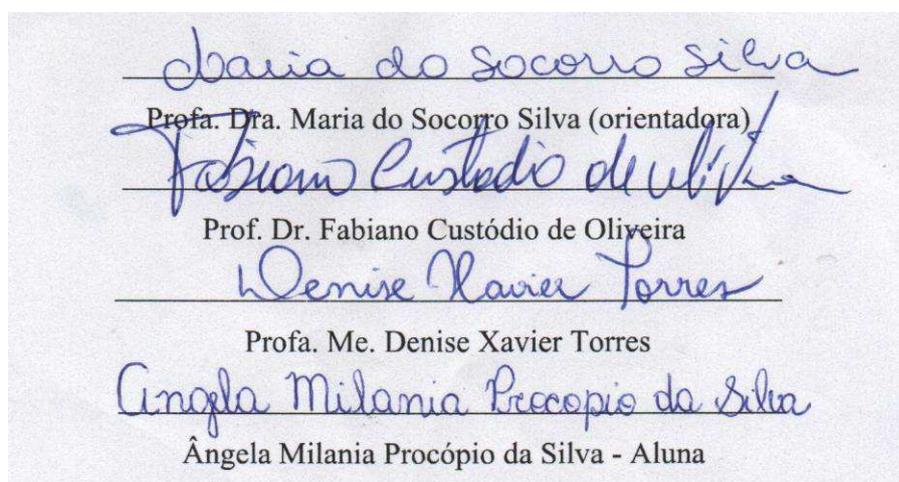
CDU: 37.018(045)

**ANGELA MILANIA PROCOPIO DA SILVA**

**PRÁTICAS PRODUTIVAS PARA A CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO NA ESCOLA DO ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO**

**Artigo Científico apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para a Convivência com o Semiárido do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.**

**BANCA EXAMINADORA:**



**Trabalho aprovado em: \_\_\_\_\_ de abril de 2018.**

**SUMÉ - PB**



---

**PRÁTICAS PRODUTIVAS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NA ESCOLA DO ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO**

**Angela Milania Procópio da Silva**

angelamilania24@gmail.com

**Maria do Socorro Silva**

socorrosilva0509@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho origina-se de uma motivação teórico-prática decorrente do trabalho docente desenvolvido numa Escola do Campo, localizada no Assentamento Zé Marcolino, Comunidade Rural Lajinha-Prata-Paraíba, e das reflexões teóricas desenvolvidas no Curso de Especialização de Ensino das Ciências e da Matemática para a convivência com o Semiárido, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da UFCG. A problemática da pesquisa foi suscitada pela prática educativa desenvolvida na Escola com conteúdos, atividades e ações relacionadas às tecnologias de convivência com o semiárido, no que se refere ao cultivo, criação, extrativismo e beneficiamento de produtos. A questão central da pesquisa foi: como estas práticas contribuem para os estudantes e suas famílias terem outro olhar sobre a convivência com o semiárido? Teve como objetivo geral: compreender qual a percepção dos estudantes, das famílias e dos assentados sobre as práticas produtivas desenvolvidas pela Escola. A abordagem qualitativa numa perspectiva de pesquisa participante, por partir da realidade concreta vivida pela pesquisadora, que se coloca numa dimensão individual (sua prática docente), mais também coletiva (como comunidade) neste processo, e ao buscar trazer as experiências reais, com as interpretações e experiências vividas e pensadas pelas pessoas com quem interatua na escola e na comunidade. O referencial teórico da Convivência com o Semiárido e da educação do Campo, foi possibilitado por: Caldart (2002; 2009); Silva (2016; 2010); Por fim mostra como resultados que a escola tem um papel fundamental de conscientização de tais práticas produtivas, a fim de estimular o desenvolvimento da localidade, despertado no alunado o protagonismo e estimular a busca de melhores condições de vida e a luta pelos seus direitos.

**Palavras chave:** Educação do Campo. Convivência com o Semiárido. Práticas Produtivas como Prática Pedagógica.

## ABSTRACT

This work originates from a theoretical-practical motivation resulting from the teaching work developed at a Field School, located in the settlement Zé Marcolino, Rural Community Lajinha-Prata-Paraíba, and from theoretical reflections developed in the living with the Semiarid Specialization Course of Science and Mathematics Teaching from UFCG Semiarid Sustainable Development Center. The research problem was raised by the educational practice developed in the School with subjects, activities and actions related to technologies of living with semiarid, in relation to cultivation, creation, extractivism and processing of products. The central question of the research was: how do these practices contribute to students and their families having another look about living with semiarid? It had as general objective: understand which the perception of students, families and settlers is, about the productive practices developed by the School. The qualitative approach in a participatory research perspective, by starting from the concrete reality lived by the researcher, which is placed in an individual dimension (its teaching practice), but also collective (as community) in this process, and in seeking to bring real experiences, with the interpretations and experiences lived and thought by the people with whom it interacts in the school and in the community. The theoretical reference of the Coexistence with the Semiarid and of the Field Education, was possible by: Caldart (2002; 2009); Silva (2016; 2010); Finally, the results show that the school has a fundamental role in raising awareness of these productive practices, in order to stimulate the locality development, awakened in the students, leadership and stimulate the search for better living conditions and the struggle for their rights.

**Keywords:** Field Education. Living with the Semiarid. Productive Practices as a Pedagogical Practice.

## 1 INTRODUÇÃO

A motivação deste estudo emerge da nossa prática como assentada e professora da Escola do Campo Plínio Lemos, localizada no Assentamento Zé Marcolino, Antiga Fazenda Serrote Agudo, fica localizado entre os municípios da Prata, Sumé e Amparo na microrregião do Cariri Paraibano. E conta com 86 famílias assentadas que vivem do cultivo da terra e criação de animais de forma agroecológica, buscando a sustentabilidade, conservação e preservação das riquezas naturais.

O projeto de Assentamento Zé Marcolino, teve sua origem no ano de 2002, quando a terra, onde atualmente se localiza o assentamento, foi desapropriada para fins de Reforma Agrária. A mesma possui uma área de 2.356,7200 ha e é dividido em 4 Agrovilas (Lajinha, Macacos, Formigueiro e Cumarú). Em meados dos anos 2000, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) comprou a terra e iniciou um cadastro para assentamento das famílias.

No ano de 2002, deu-se a ocupação das terras, onde foi necessário fazer um levantamento das potencialidades e fragilidades do Assentamento. E uma das principais demandas, sem dúvida alguma, por parte dos homens e mulheres assentadas, foi a da construção de uma escola. Mas não uma escola qualquer. Uma escola que tivesse suas ações pedagógicas voltadas para a vivência campesina e suas especificidades.

Com esse anseio, nasce a Escola Estadual Plínio Lemos, que a partir dessa luta, numa busca de uma educação de qualidade, que se valorizasse a cultura local, assim como também que os filhos dos agricultores estudassem perto de casa, para não enfrentarem problemas como a falta de transporte, possíveis acidentes em períodos chuvosos, dentre outros imprevistos, uma vez que nem sempre esse trajeto do campo para escola é tão confortável e seguro.

Ao instituir a escola buscou-se pela equipe pedagógica da escola uma integração de seus trabalhos com as vivências da comunidade, em que uma estava a serviço da outra numa relação de reciprocidade. Mesmo com as limitações e dificuldades financeiras para manutenção das necessidades básicas da escola (com por exemplo, energia, material de limpeza, entre outros) foi estruturando seu currículo e suas práticas educativas. Este currículo por sua vez ultrapassa o currículo tradicional, dando ênfase a valores humanos, éticos, sociais, culturais e religiosos, contemplando também muito mais habilidades e competências e

habilidades sugeridas por livros didáticos ou propostas pedagógicas que além de externas são urbanocentricas e descontextualizadas. Foi pensado conforme as vivências e experiências locais, atrelado aos conhecimentos previstos pelos documentos oficiais e diretrizes para educação do campo, sem o abandono de valores, costumes e cultura local, num processo de contextualização, assim como procurando levar em consideração a vivência e permanência no campo.

Assim, surge na perspectiva de uma Escola Contextualizada na realidade, na vida e no trabalho, traz a produção da agricultura familiar/camponesa para orientar a organização do seu trabalho pedagógico. As escolas do campo tem conquistado um papel significativo, na vida e no cotidiano onde estão inseridas e conseqüentemente no desenvolvimento do lugar. E o que realmente nos chama atenção é a forma, em que essas escolas mediante as práticas produtivas e de convivência com o semiárido, conseguem transformar de forma positiva a realidade do povo camponês e do lugar onde esse povo vive.

No caso, da Escola do Assentamento as práticas educativas são pensadas a partir do contexto, e ainda nos trazendo um conceito de luta, resistência e persistência em realizar uma educação que trate do tema contextualização no seu mais amplo aspecto e ajude os sujeitos a encontrar e/ou resgatar sua identidade e sua autonomia em viver no campo e para o campo.

Como educadora desta escola, a necessidade de refletir sobre esta prática pedagógica, nos levou a indagar: Como as práticas educativas desenvolvidas na escola conseguem influenciar nas atividades produtivas desenvolvidas pelas famílias? Que práticas produtivas identificamos na comunidade a partir desta relação? Qual a percepção dos estudantes e da comunidade sobre estas práticas produtivas?

Assim traçamos como objetivo geral dessa pesquisa compreender qual a percepção dos estudantes, das famílias e dos assentados sobre as praticas produtivas desenvolvidas pela escola, e delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as práticas produtivas desenvolvidas na escola do Assentamento Zé Marcolino;
- Discutir sobre a importância da convivência com o semiárido e das realizações das práticas produtivas na comunidade;
- Identificar as contribuições das realizações das práticas desenvolvidas pela escola na conscientização de convivência com o semiárido

Essa parceria sempre é realizada buscando a integração da escola com a comunidade, sendo assim incluindo todo corpo pedagógico escolar, os funcionários, os alunos e seus familiares, e alguns agricultores assentados. A vivência e o estímulo para uma prática vinculado a terra, a produção e a organização existente no assentamento, sempre esteve presente na proposta da escola. Isso dialoga com o que coloca Boff (1999, p. 76), quando diz que: “A escola do campo trabalha os valores voltados para a terra, porque, senti-la até as estranhas é sentir a própria respiração”. Assim é afirmado no pensamento do povo que ali reside (tanto da comunidade escolar, dos assentados e dos agricultores) o desejo de proteger e valorizar o seu lugar.

A Escola do Assentamento Zé Marcolino percebe o homem/mulher como donos de um rosto e um coração. De acordo com Boff (1999, p. 122-123) o rosto identifica e distingue o ser humano de outros seres humanos, também pelo rosto o ser humano se relaciona com outro. No rosto fica estampado se o acolhemos se dele desconfiamos, se o excluímos. O coração por sua vez, define o caráter da pessoa, aonde vêm todas as suas ações.

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Para compreensão do objeto da pesquisa, buscamos construir nosso trabalho numa abordagem qualitativa na perspectiva da pesquisa participante, pelo envolvimento direto enquanto pesquisadora com o objeto pesquisa. Segundo Minayo (2008), a pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador acessar um universo de significados, percepções, crenças e valores que envolvem os fenômenos educativos, pois para autora:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem se reduzidos à operacionalização de variáveis. (2008, p. 21-22).

Analisar a prática existente na Escola no que se refere às atividades produtivas para convivência com o Semiárido, exigiu um olhar sobre toda sua ação de forma integrada e crítica. Uma vez que a escola tem concepções e ideais embasadas no movimento de Educação do Campo, que vem como uma tendência nova para região. Assim procuramos saber como os

educandos e suas famílias absorvem as informações e o modo como a escola trabalha as práticas produtivas para convivência com o semiárido.

A nossa imersão como pesquisadora e educadora na realidade estudada, nos levou necessariamente para a pesquisa participante ao assegurar esta indissociabilidade entre pesquisadora e sujeitos do processo de pesquisa. Pois, a pesquisa participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.

Haguete (1987, p. 141-143), ao analisar o conceito de participação na perspectiva da pesquisa participante, chama a atenção para o fato de se levar em conta os componentes da pesquisa participante, quais sejam, o da investigação, o da educação e o da ação. Feito isso, ela definiu a participação como sendo “uma ação reflexionada em um processo orgânico de mudança cujos protagonistas são os pesquisadores e a população interessada na mudança.”

Ao buscarmos compreender o fato de como as práticas produtivas discutidas e suscitadas pela Escola tem causado mudanças e/ou inquietações na comunidade escolar, isso se reflete no pensar e fazer uma escola diferente, ou como nos coloca Malvezzi (2017), “...a convivência com o Semiárido precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático” (p. 132).

Este referencial teórico metodológico nos orientou na busca dos nossos objetivos e na forma de interatuar com o espaço da pesquisa, com os sujeitos e com os instrumentos.

Os sujeitos da pesquisa foram os educandos/as da Escola, os quais buscamos não apenas com conversas (relato das experiências), mais também com a análise de materiais produzidos nas aulas, buscar compreender como percebiam esta prática envolvendo a produção e as tecnologias na escola.

Além disso, realizamos entrevistas (com roteiro aberto) com os pais dos educandos/as e com lideranças da comunidade, sobre as práticas produtivas desenvolvidas como as tecnologias referentes a captação de água<sup>1</sup>, os canteiros econômicos<sup>2</sup> e os quintais produtivos<sup>3</sup>, buscando identificar qual a contribuição que percebem nestas tecnologias para a convivência com o semiárido na comunidade.

## **2.1 O território da Pesquisa: A Escola do Assentamento Zé Marcolino**

---

<sup>1</sup> A captação de águas é feita por cisterna de primeira água, de calçadão e de enxurrada.

<sup>2</sup> Canteiros econômicos são instalações de baixo custo e adaptada para regiões semiáridas pela pouca utilização de água durante todo o tempo de produção.

<sup>3</sup> Quintais Produtivos são áreas nos arredores das casas, que podem ser cultivadas plantas medicinais, frutíferas e hortalças, assim como pode ser feitas criações de pequenos animais (aves, caprinos, ovinos, porcos)..

O Assentamento Zé Marcolino foi fundado em 2002, na antiga Fazenda Serrote Agudo, com organizações de agrovilas. E estas são pequenas vilas no campo que tem como base a agricultura e dispõe do cooperativismo tanto na produção, no desenvolvimento da comunidade e na geração de renda.

**Imagem 1** - Escola (Aula de Campo)



**Fonte:** Registro fotográfico da Escola Plínio Lemos.

O Assentamento é dividido em 4 agrovilas, que são: Laginha, Macacos, Formigueiro e Cumaru, e estas ocupam o território dos municípios de Prata, Sumé e Amparo. As duas primeiras pertencem a cidade de Prata, enquanto as outras pertencem a Sumé e Amparo, respectivamente. Assim, a nossa pesquisa se deu a Agrovila da Laginha, onde a escola está localizada.

A Escola no Assentamento surge no ano de 2009, com a intenção de proporcionar para as crianças uma forma de educação que atenda às suas especificidades, as deixem mais livres e traga certa segurança, já que antes, elas precisavam ir pra cidade de Prata, em um percurso de uma hora, para chegar até a escola.

Para que a escola tomasse forma no assentamento, foi necessário um grande empenho da comunidade, bem como da associação local e as entidades parceiras como o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC) que junto com o Fundo Internacional para Desenvolvimento da Agricultura (FIDA), conseguiram o recurso financeiro para a construção do prédio onde hoje é a escola. A ajuda da comunidade se deu de forma voluntária e de fundamental importância para a conclusão dessa construção. Erguido pelas mãos de mulheres que traziam consigo

desejo de ver seus filhos estudando perto de suas casas e recebendo uma educação que valorizasse o seu cotidiano. Mulheres grávidas carregando, de longe, pedras na sua cabeça para o alicerce que se erguia dos sonhos. “A cada pedra carregada, tínhamos um sentimento de alegria que nos encorajava a continuar. Não foi fácil, mas com certeza, foi a maior expressão de força das mulheres desse lugar!” (Mulher que participou da construção da escola)

Essas mulheres são as agricultoras assentadas que sempre lutaram pelos seus direitos, buscando uma melhor qualidade de vida. Ao pensarmos como se deu esse processo identificamos a coragem e resistência das mulheres do Assentamento diante da luta por seus direitos.

Como vemos na fala de uma das mulheres protagonistas dessa história: “O processo de construção da escola nos deixou mais fortes, mais resistentes para a luta por nossos direitos. Vê as mulheres juntas para construir um sonho, que era a escola, foi muito gratificante. Mais ainda de saber que nossos filhos teriam a oportunidade de ter uma educação de qualidade sem sair do lugar onde mora.” (Liderança da comunidade)

Essa fala é referendada por Moura (2005), quando coloca que:

Apesar de todas as carências, limitações e dificuldades porque a escola passa, há uma coisa que ela vem fazendo muito bem, com muito sucesso e êxito: o valor que ela vem ensinando às crianças e jovens do meio rural é efeito de um jeito tão eficiente, que eles não conseguem esquecer, a não ser com raras exceções. Ela ensina tão bem, que a lição incorpora no inconsciente dos alunos para o resto da vida. (Moura: 2005, p.19)

Não é de agora que atestamos as carências e limitações de muitas escolas espalhadas por todo país, e principalmente as escolas do campo. Ao nos aproximarmos de uma realidade como a da escola do assentamento Zé Marcolino, podemos perceber, observando seus movimentos internos de uma escola que transcende o currículo tradicional, que a mesma dá ênfase aos valores humanos, éticos, sociais, culturais e religiosos. Estas características, próprias dessa comunidade e de sua escola, a identifica em princípios que a sustentam e a fundamentam. Um povo que entende de solidariedade. Há um dinamismo que liga a escola numa relação profunda, ancorada na relação de amor e pertença, visivelmente notada, quando ouvimos as falas da comunidade.

Assim, na compreensão de um currículo emancipatório deve enfatizar a experiência dos alunos, que está intimamente relacionada com a formação da identidade. Então, podemos dizer que um currículo emancipatório é necessariamente transgressor. “O conhecimento se torna significativo para o aluno, antes de poder se tornar crítico” afirma Mclarem (1977, p.

248-249), pois o conhecimento que se adquire na escola naturalmente não fala por si mesmo. Vem das vivências, experiências ideológicas e também culturais.

Nesse contexto das escolas do campo, observamos o que está escrito no art2º parágrafo único das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica na Escola do Campo:

A educação do campo é uma concepção política\pedagógica voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e os espaços da floresta, da pecuária, das minas, ribeirinhos e extrativistas (Resolução nº01, de 03 de abril de 2002\CNE\MEC).

Entendemos, assim, que as escolas do campo, tem como princípios, despertar nos sujeitos do campo a autonomia, a identidade e transformar de forma significativa sua realidade no que diz respeito ao convívio da comunidade e nas práticas de convivência com o semiárido.

O protagonismo dos Movimentos Sociais na formulação da Educação do Campo, caracteriza sua identidade, ao trazer a vida, o trabalho e a cultura dos sujeitos camponeses, como princípios e dimensões fundamentais da organização do trabalho pedagógico.

Sendo assim, concordamos que:

(...) a afirmação deste traço que vem desenhado nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta a história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização da política educacional ou projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e poucas vezes para os sujeitos do campo, como sujeito da política e pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-los a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos (CALDART, 2002, p. 28).

As escolas do campo vêm sendo caracterizadas, nos últimos anos como escolas que resistem no que diz respeito aos direitos do povo do campo, que por muitas vezes são negados, no que diz respeito à educação de qualidade. Tendo em vista que a educação urbana desvaloriza os sujeitos e o território camponês.

### **3 PRÁTICAS PRODUTIVAS NA ESCOLA DO CAMPO: A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

Para fundamentação teórica da pesquisa buscamos aprofundar alguns conceitos, dos quais trataremos a seguir: convivência com o semiárido, educação do Campo e práticas produtivas.

### 3.1 Convivência com o Semiárido

A região semiárida é marcada por uma visão estereotipada e concepções errôneas, onde é apontado como lugar subalterno e de poucas perspectivas de vida, e inclusive tais interpretações vêm sendo reproduzidas, há muitos anos, pelos meios de comunicação de massa, devido aos longos períodos de estiagens, a escassez de água e o clima seco, alimentando essa visão deturpada e preconceituosa desse local.

Essas características da região são apontadas como necessidades, assim omitindo as potencialidades que tal território possui quando são criadas as condições adequadas. E é a partir dessa visão equivocada que a pobreza é atribuída às condições climáticas, como se não houvesse nenhuma alternativa de aproveitamento dos recursos naturais existentes. Dessa maneira podemos perceber outro aspecto importante que é a falta de políticas públicas para essa região, que marca um longo período de esquecimento dos governantes a incentivarem práticas e alternativas de se conviver com essas intempéries.

A resistência do povo que mora nesta terra mostra o quanto é possível viver nessa região. E se faz necessário destacar os desafios diários desses indivíduos, que ressignificam a importância da sua terra e a permanência nela, existindo e reexistindo mesmo com as intempéries que tanto os assombra. Um povo marcado por fortes traços culturais e valores muitos ricos e próprios, com uma alegria contagiante e que não desiste fácil diante os desafio encontrados durante a vida. (SILVA E ARAÚJO, 2017).

Apesar do clima seco, a vegetação típica, a caatinga, é resistente às longas estiagens e ressurgem com facilidade nas primeiras chuvas, contando com uma variedade de plantas medicinais, plantas que são matérias-primas para artesanatos, dentre outras potencialidades. A fauna, com uma diversidade de espécies de animais, também oferece meios de atividades produtivas, como: a caprinocultura, que se constitui numa rica potencialidade econômica muito própria da região.

Esse novo paradigma da Convivência, segundo Silva (2010, p. 120)

A construção da proposta de convivência com o semi-árido tem sua gênese nas iniciativas de centros de pesquisa, como a Embrapa, e das organizações não-governamentais que vêm desenvolvendo projetos nas áreas de recursos hídricos, produtivas e socioculturais em áreas do semiárido brasileiro desde o início da década de 1980. A proposta ganhou impulso significativo no final da década de 1990, com a criação da Articulação no Semiárido (ASA),

reunindo atualmente cerca de 700 organizações não-governamentais, igrejas e movimentos sociais.

Diante dessas características é preciso entender o ambiente semiárido como contexto das práticas educativas, tornando este ambiente um ecossistema socioeducativo. Não só reconhecendo como lugar de aprendizagem, mas escolher aspectos como as relações e experiências de convivência com esse ecossistema, a fim de ensinar e aprender numa linha metodológica adequada com o processo de contextualização.

A ideia de uma educação para a convivência com o semiárido nasce da luta em quebrar paradigmas de uma educação tradicional, que é trabalhada sem conexão com a realidade local.

Assim, conforme coloca Silva (2010, p. 123)

Articulada às discussões sobre a emergência de um novo paradigma de sustentabilidade, nos últimos anos, vem sendo construída a perspectiva da *convivência com qualidade de vida no semiárido brasileiro*. O semiárido é concebido enquanto um complexo de ecossistemas com os seus limites e as suas potencialidades. Trata-se de um espaço onde é possível construir ou resgatar relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, com base no tripé da sustentabilidade ambiental, da qualidade de vida das famílias sertanejas e do incentivo às atividades econômicas apropriadas.

Com isso, levando em consideração as propostas de contextualização previstas na legislação da Educação Brasileira, a partir da realidade “concreta” - a realidade do Semiárido. (SILVA ET ALL, 2009).

Dessa maneira, podemos perceber que para entender a convivência com o semiárido temos que reconhecer a necessidade da quebra de paradigmas das estruturas vigentes (um currículo que não se preocupa com a realidade local, um ensino bancário, um trabalho descontextualizado que não condiz com as estruturas socioculturais da região, dentre outros), quando dizem que o semiárido é um lugar de atraso e retrocesso, entender a luta e resistência do povo que luta por permanência e também pelos direitos, legitimando toda a força do povo e suas batalhas diárias.

Portanto, para conviver com o semiárido se faz necessário direcionadas para uma nova estratégia de produção de vida, que permita a integração a escola e a comunidade, o saber e a necessidade, o conhecimento e o desenvolvimento, a fim despertar o protagonismo nos educandos, assim com o intuito provocar mudanças significativas no contexto ali inserido, no desenvolvimento do senso crítico, nas lutas pelos seus direitos, dentre outros aspectos.

### 3.2 A Educação do Campo

O surgimento do Movimento da Educação do Campo se deu através da luta dos camponeses pelos seus direitos, e por melhorias de políticas públicas voltadas para o seu povo, inclusive o acesso a educação, uma educação de qualidade que levasse em consideração sua realidade e servisse também para encarar a realidade da vida do homem e da mulher do campo, buscando uma integração da escola e da comunidade almejando e tendo como finalidade a mudança social, sendo assim uma crítica projetiva de transformações.

Surge também como uma crítica ao atual sistema educacional, que muitas vezes nega o campo como espaço de saber, e traz uma educação que urbaniza os sujeitos do campo, negando as possibilidades e potencialidades de suas terras, mas dos sujeitos também, assim como também deixando de levar em consideração o campo como um lugar de relações socioculturais. Sendo assim, a educação do campo não pode existir sem a agricultura camponesa, pois a mesma foi criada para os sujeitos que são desse contexto, procurando favorecer as famílias que vivem e trabalham da terra. (FERNANDES E MOLINA, 2004).

E para entender melhor essa crítica à educação, Caldart (2009) nos diz que a crítica não é a educação em si mesma, mas sobre os efeitos da realidade da educação do nosso país, uma vez que essas lutas e posicionamentos tomam partido de acordo com os anseios dos camponeses, denunciando o ‘atual estado das coisas’, as injustiças e a falta de acompanhamento do estado em relação a esses sujeitos. Logo, podemos dizer que os movimentos sociais são os protagonistas da Educação no Campo, na luta da sua autonomia e dos seus direitos.

Assim, compreendemos a Educação como um sistema produtivo e de desenvolvimento da própria existência humana, por isso que a mesma deve estar voltada para as necessidades da realidade local. Onde o currículo tem que contemplar as diferenças, os saberes e conhecimentos populares e a valorização da cultura, contextualizando a realidade e oferecendo oportunidade de entender o meio social, despertando o protagonismo a fim de poder intervir e participar ativamente das ações de seu meio.

A Educação do Campo busca superar o estereótipo do meio rural como local de atraso, valorizando as vivências e experiências do campo e reconhece os conhecimentos e saberes, lá encontrados, bem como levando em consideração a política, a cultura, o social e a economia desse ambiente. Com isso trazendo relevância para as transformações sociais, uma vez que o

preparo do aluno para o exercício da cidadania é um processo formativo, ao qual se estabelece uma relação entre o sujeito e a sociedade, despertando o protagonismo nos educandos.

Desse modo, sendo mais específico, a Educação do Campo estimula mudanças em relação ao aprendizado dos educandos e na convivência com o meio ao qual está inserido, seja no âmbito sociocultural, nas relações pessoais e com o ambiente. Onde é perceptível a luta pela preservação de suas tradições e também a luta pelos seus direitos. Assim permitindo o desenvolvimento da autonomia e da identidade dos sujeitos camponeses. (SILVA ET ALL, 2016)

De fato, o povo camponês tem um modo de vida diferenciado, não só pelo fato de viver da terra, mas a cultura, os valores, os costumes, a relação com o meio ambiente, dentre outros aspectos. No entanto, ainda encontramos educadores que trabalham com a ausência dessa perspectiva, sem a relevância de uma educação inclusiva, sem as particularidades locais e temporais, sociais e econômicas. Assim podemos perceber que a convivência com os espaços sociais, a relações do homem com o meio e os saberes empíricos dos alunos, deveria estar presentes nas salas de aula, para que fossem desconstruídos esses processos que marcam o “fracasso” dos sujeitos camponeses que ocorre ao longo das histórias nas escolas do campo.

### **3.3 Práticas Produtivas para convivência com o Semiárido**

As práticas produtivas são atividades que permitem conviver com o semiárido usufruindo de suas riquezas e da fertilidade do seu solo, por exemplo. Com isso, explorando o meio ambiente por meio de atividades que não causam degradação ou poluição. Sendo assim um meio de possível geração de renda e também de atividades para subsistência. Assim podemos destacar os quintais produtivos, cisternas, o reaproveitamento da água, dentre outras atividades.

Assim, conforme concepções e ideais das escolas do campo, a escola do Assentamento Zé Marcolino, desenvolve práticas produtivas que ajudam os camponeses e as camponesas a terem mais autonomia e de uma forma mais eficaz, cuidar e viver nessa terra tão cheia de riquezas chamada semiárido.

Na perspectiva de convivência com o semiárido a escola desenvolve um papel importante na vida da comunidade. Onde traz propostas, que despertam nos sujeitos camponeses, a curiosidade e o interesse em melhorar sua qualidade de vida e transformar sua

realidade. Essas propostas vão desde o descarte correto dos resíduos sólidos até o uso das tecnologias de cisternas de reuso de água.

Pensando na realidade, no contexto e no currículo apresentado pela escola, entendemos que a saída para quebrarmos os paradigmas criados historicamente, está justamente em ir ao ponto onde tudo começa, e nesse caso, começamos pelo propósito da educação contextualizada. Esta por sua vez, tem a missão de formar os sujeitos para a transformação, para a mudança.

Nesse caso Malvezzi (2017) diz que “... a convivência com o semiárido precisa começar dentro das escolas, modernizando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático.” É dessas modificações que necessita o povo camponês e sua vivência.

Essa perspectiva é reforçada por Braga (2004, p. 40), ao colocar que:

O processo educativo contextualizado implica uma metodologia de intervenção social que supõe um modo de conceber, apreender e ressignificar a realidade para nela atuar, visando transformá-la. Implica uma estratégia que articula o local e o global, de forma a orientar a intervenção político-pedagógico. Implica também uma forma de pensar e de viver, baseada na convivência, o que nos remete ao desafio de buscar um modo de organização social, assentado na complementaridade, na diferença e na diversidade.

Os conteúdos apresentados de forma contextualizada partem da necessidade da educação escolar, assumir a tarefa de abordar o contexto local, as dinâmicas e as especificidades dos lugares e dos sujeitos a que se refere, no processo de ensino e aprendizagem, a partir das atividades escolares. Contudo, os métodos de contextualização, devem partir da construção bem elaborada do currículo. Carneiro (2010, p. 1) enfatiza que:

A educação contextualizada, voltada para as escolas do semiárido brasileiro é aquela que tem um currículo que trabalha elementos do contexto em que as crianças e suas famílias não tem acesso à água, ou tem acesso a uma água contaminada, os professores vão buscar discutir em algumas disciplinas, esse contexto. Então a escola, ao invés de trabalhar os conteúdos de forma distante da realidade dos alunos, traz a realidade para dentro da sala de aula.

Assim, vendo as necessidades de conhecer, reconhecer e aprofundar a realidade vivida e sentida pelos sujeitos camponeses e suas comunidades, também em sala de aula, nas abordagens das práticas pedagógicas, ao buscar trabalhar os aspectos socioculturais a partir do contexto presente.

Nesse sentido, Kuster e Mattos (2004, p. 84) afirmam que:

O conhecimento só tem sentido quando situado no contexto, ou seja, faz-se necessário situar a informações e dados no contexto para que estes adquiram sentido. A ausência da contextualização torna o processo cognitivo insuficiente, pois as condutas se aprendem, e são aprendidas em um ambiente, e todos os ambientes

tem capacidade de educar se soubermos percebê-los e nos relacionar com eles significativamente.

Se as ações da comunidade estão ligadas a escola, podemos dizer que todos os sujeitos e todos os processos sociais estão ligados aos estímulos de mudança oferecidos pelas práticas produtivas e de convivência com o semiárido, oferecidas pela escola.

Dessa forma, a educação contextualizada tem como fonte principal, o aprendizado adquirido em diversas salas de aula, no âmbito da comunidade e que se potencializa nos sujeitos dentro do contexto escolar. Segundo Silva (2014), a contextualização é para construção do conhecimento, que contribua na consolidação de possibilidades mais dignas de vida. E ainda diz que essa construção toma como início o próprio local/espço de vida dos sujeitos, ao reconhecer valores e a sua identidade. Mas, para que isso ocorra é necessário que o processo escolar busque por uma escolarização embasada nas vivencias dos sujeitos que estão na escola, dos fatos e acontecimentos significativos para os mesmo. Dessa maneira, os conteúdos escolares ganham relevância, passando a fazer sentido nos seus cotidianos.

## **4 RESULTADOS**

### **4.1 Práticas produtivas desenvolvidas na escola**

Para viver no semiárido é preciso entender, que os períodos de estiagem sempre irão existir, o clima seco e quente sempre serão característico dessa região. No entanto, isso não caracteriza que esta região não tenha perspectivas ou que não possui maneiras para produção de renda nessa região. É preciso quebrar esses paradigmas e visões errôneas que são divulgados pelas mídias, de lugar hostil e pobre.

A luta do povo campesino mostra a necessidade de superação dessa visão estigmatizada, assim como também uma luta por políticas públicas que incentivem o desenvolvimento dessa região, com a educação voltada para própria realidade, tecnologias para a convivência com o semiárido, dentre outros aspectos. A criação do movimento de educação do campo é uma vitória perante esses desafios, uma vez que a Educação do Campo vem estimular o protagonismo nos educandos, não só pelos conhecimentos e saberes difundidos, mas também na luta pelos seus direitos e no reconhecimento do campo como espaço de saber e de saberes diversos.

Diante disso, ao buscar meios para produzir no semiárido e contribuir para a produção, a escola procurou propor alternativas para a captação de águas, por meio das implementações de cisternas (de primeira água, de calçadão e de enxurrada)<sup>4</sup>, assim como também faz o reaproveitamento da água, fazendo reuso da água para atividade como aguar plantas.

Alternativas se dão por meio da plantação de muitas culturas numa mesma propriedade, que faz com que não prejudique o solo, a criação de canteiros econômicos e dos quintais produtivos, que podem ser desenvolvidos nas proximidades de suas residências, ao plantar hortaliças, ervas, dentre outras. E também a conscientização da preservação da caatinga, uma vez que cuidar do meio ambiente ajuda na recuperação do solo, na sobrevivência de várias espécies da fauna e da flora também, dentre outras contribuições.

Tais práticas são desenvolvidas na escola do assentamento, de maneira que busque conscientizar não só as crianças sobre a importância delas, mas também de difundi-las a toda a comunidade escolar. Com isso, fazendo com que a identidade local seja mais valorizada, e mostrando a capacidade do povo campestre e as riquezas que os cerca.

#### **4.1.1 Percepção das famílias sobre as práticas produtivas na escola**

Ao conhecer a realidade local, é notório que as maiorias das pessoas que vivem no assentamento vivem de práticas agrícolas e da caprinocultura, mas o clima semiárido, com os longos períodos de estiagem dificulta a produção dessas famílias, tornando essas atividades árduas e com poucas perspectivas rentáveis, fazendo necessárias alternativas como fonte de renda. Sendo assim, para isso faz necessário que os agricultores estejam preparados para o período de estiagem, com isso buscando meios para conviver com o semiárido, sem degradar a terra, sem poluir e com meio agroecológicos, produzindo de maneira correta e eficaz.

Levando em consideração tais aspectos, é fundamental que a escola possa entender o que se passa na sociedade onde está localizada a fim de não só conhecer a realidade local, mas também para uma contextualização do seu ensino, podendo associar aos saberes científicos, fortalecendo a identidade como campestre, com o intuito de estimular o protagonismo nos alunos, numa luta incessante pelo desenvolvimento da comunidade, na procura de soluções, na luta pelos seus direitos, e busca de meios para melhores condições de vida. Assim, fazendo

---

<sup>4</sup> Cisternas de Primeira Água é para captação e armazenamento de água da chuva para o consumo humano, enquanto a de Calçadão é para armazenar água para a produção de alimentos, plantas medicinais e criação de animais (desenvolvendo os quintais produtivos), já a cisterna de Enxurrada se dá na captação de água que escoam das estradas e caminhos, possibilitando plantações de alimentos e criação de animais.

valer que a escola contribua para sociedade, sendo um canal de transformação, de libertação, e de desenvolvimento da comunidade.

Daí, a escola buscou adotar práticas para a convivência com o semiárido, onde estas por sua vez já eram pouco realizadas na comunidade, assim a escola propõe uma conscientização sobre as contribuições e possibilidades de tais práticas, com isso buscando perspectivas para o aproveitamento de recursos e meios que facilitasse a produção. Dessa maneira, atuando como aponta Boff (1999), ao dizer que a escola do campo procura trabalhar valores voltados para a terra, como suas atividades e outras vivências intrínsecas aos sujeitos do campo, com uma apropriação única.

Tendo em conta tais aspectos, e para compreender o papel da escola e suas influências ao trabalhar e debater essas práticas produtivas fez-se uma conversa com os pais e dos alunos e representantes da comunidade onde a escola está inserida. Assim, abordamos a seguinte problemática: qual a importância das práticas produtivas desenvolvidas pela escola, na vida dos educandos e das comunidades?

A partir dessa provocação surgiram várias falas interessantes a respeito de tais práticas realizadas, as respostas foram as seguintes:

*“As crianças aprendem a cuidar melhor das coisas daqui.”* (Pai de aluno)

*“Meu filho diz que precisamos de cisternas para juntar água para o período seco”* (mãe de aluno) ”

*“É importante porque desperta nas crianças o sentimento de pertença e de transformação da realidade em que vivem”* (líder comunitária)

*“A escola mostra aos meninos e as meninas que quando a gente cuida, sabe aproveitar das coisas, a gente vive bem e tranquilo.”* (Pai de aluno)

*“As crianças aprendem na escola e ensinam em casa a família. Dessa forma todas se interessam para botar em pratica esse aprendizado”.* (Presidente da associação)

Diante dessas falas, ao qual destacamos, podemos perceber que tais discussões e atividades desempenhadas na escola tem causado um efeito na comunidade, onde a partir da conscientização dos alunos, tem têm chegado até os pais tais propostas e assim contribuído para a comunidade como um todo. A partir desses relatos podemos entender que o trabalho de conscientização da escola está caminhando por trilhos bem definidos. Tendo provocado um

sentimento de pertença, um reconhecimento da própria identidade de camponeses e uma visão sobre as potencialidades do próprio lugar.

Diante disso, percebemos que a educação contextualizada causa uma nova visão da própria realidade, um novo olhar, uma nova perspectiva, tanto sobre o seu local, como do próprio conhecimento. E isso mostra a importância de travar tais lutas, e a abordagem de uma educação contextualizada, podendo assim contribuir para o desenvolvimento da comunidade e tornando o aprendizado significativo.

#### 4.1.2 Discussão e sistematização das práticas em sala de aula

As práticas pedagógicas realizadas na escola assume um caráter de educação do Campo, buscando quebrar os paradigmas de uma educação que busca urbanizar os indivíduos da zona rural.

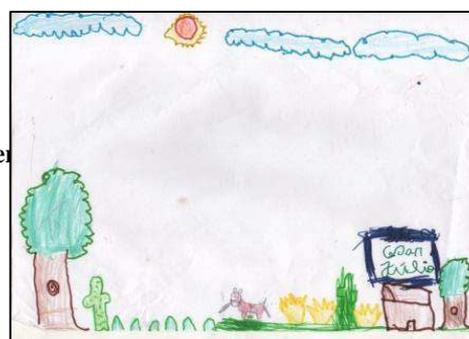
O trabalho que é realizado sempre leva em consideração o contexto e vivências da localidade. Tendo em vista que o campo também se constitui como um espaço de saber, com vivências e experiências ali encontradas. Diante disso, os conhecimentos advindos do contexto camponês contribuem para a formação cidadã, como também estimulam o protagonismo social.

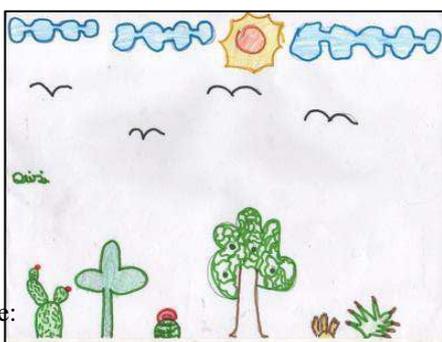
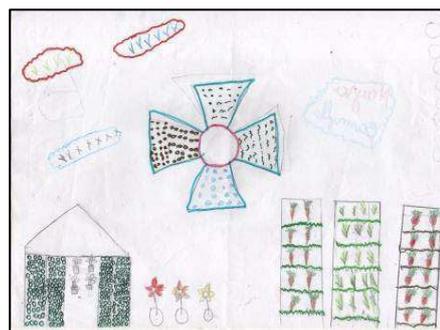
Nas discussões sobre as práticas produtivas desenvolvidas na escola, e sobre as potencialidades de nossa região e a preservação de nosso bioma, procuramos conscientizar as crianças sobre esses valores e alternativas que contribuem para o desenvolvimento da comunidade. Assim, conforme Freire (1996) fazendo da sala um espaço interativo de infinitas possibilidades podendo explorar os contextos e vivências dos alunos.

Assim com essas discussões na sala de aula, de forma contextualizada e também numa linguagem que as crianças pudessem entender, pedimos que os alunos pudessem ilustrar sobre as práticas produtivas (as cisternas, os canteiros econômicos e os quintais produtivos) para a convivência com o semiárido que foi discutido em sala nas aulas de geografia e ciências e observadas/analizadas nas aulas de campo.

Vejamos alguns desenhos, ao qual dividimos pelas temáticas abaixo destacadas:

#### Desenhos 1 – Quintais produtivos e canteiros econômicos



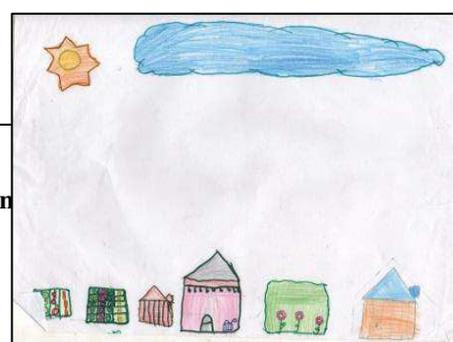


Fonte:

Registro fotográfico da Escola Plínio Lemos

Nesses desenhos é possível observar que os educadores desenvolveram sua criatividade no que diz respeito a organização das hortalças e do espaço em que precisam para terem uma boa produção. O que nos chama atenção também para os diversos tipos de canteiros que pode ser feito.

### Desenhos 2 - Captação de água (Cisternas).



E Natureza e Matem

19 rido -

Fonte: Registro fotográfico da Escola Plínio Lemos

Vemos aqui a importância de estimular a captação de água nas crianças. Pois é possível notar que elas fizeram barreiros, pequenas barragens e cisternas, como forma de armazenamento de água. E o detalhe das nuvens, que nos remete a água que cai do céu e é armazenada nesses reservatórios.

### Desenhos 3 – Reuso de água.



Fonte: Registro fotográfico da Escola Plínio Lemos

Aqui vemos como o sistema de reuso de água tem relevância para a comunidade. Identificamos as plantações que são aguadas a partir da água que foi reutilizada nas casas.

Os desenhos foram feitos pelos alunos da escola do assentamento durante as aulas de ciências e geografia com o objetivo de avaliar como as aulas de campo e roda de conversa, foram importantes para o entendimento dessas práticas produtivas. E que buscam ilustrar a importância da preservação do meio ambiente, ao qual é nossa obrigação tratar bem nosso bioma, fazendo uma exploração consciente sem degradá-lo. Algumas gravuras mostram

algumas práticas produtivas que são realizadas comunidade escolar, como os canteiros econômicos e os quintais produtivos.

Diante disso podemos concluir que é importante desde cedo despertar a importâncias das possibilidades que oferece o semiárido, que apesar de ser um clima árduo para produção, há meios que permitem a convivência nessa região explorando mais a relação entre a prática pedagógica, o currículo e as praticas produtivas, e que devemos fazer com que essas alternativas possam ajudar o povo dessa terra para o próprio desenvolvimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa teve como compreender qual a percepção dos estudantes, das famílias e dos assentados sobre as praticas produtivas desenvolvidas pela escola, a partir do relato das famílias identificamos que o papel das práticas produtivas desenvolvidas pela escola de convivência com o Semiárido. No relato das famílias vemos o protagonismo das crianças e o incentivo que a educação contextualizada traz para os camponeses de cuidar e trabalhar com mais entusiasmo e respeito na terra onde vivem.

Educar é um ato político, uma ação que permite a emancipação do sujeito, e que possibilita que o mesmo vá à luta pelos seus direitos e buscar sua autonomia no meio social. (Freire, 1996: 1997)

Assim, é papel da escola fazer com que os alunos entendam sua realidade, a fim de também contribuir para ela sendo um sujeito protagonista. Nos desenhos das crianças pudemos perceber que os educandos tiveram um progresso com base no que foi trabalhado em sala, e isso nos baseamos na motivação e na curiosidade destas atividades, já que algumas são comuns e eles já conseguem entender a finalidade. E nos desenhos fica muito evidente o quanto eles estão envolvidos e o quanto se interessam em retratar as transformações positivas do seu lugar.

Logo, a Escola do Assentamento Zé Marcolino, baseado nas diretrizes e concepções da Educação do Campo busca um trabalho que permita atender as necessidades locais, trabalhando aspectos comuns a realidade a partir das vivências dos alunos. Ademais buscando por meio das práticas produtivas realizadas na escola, uma conscientização para a convivência com o semiárido, promovendo o desenvolvimento da comunidade.

Com isso, acreditamos que essa pesquisa se torna importante, ao mostrar essas alternativas e como a escola pode contribuir para a difusão das mesmas, nas discussões e conscientização dos alunos.

Assim como também acreditamos que nosso trabalho possa contribuir para reflexões acerca das práticas produtivas para a convivência com o semiárido e o papel da escola na comunidade a fim de estimular o desenvolvimento da comunidade e apresentar possibilidades e alternativas de produção.

Reforçamos a compreensão do papel que a Escola desempenha na comunidade e na região, ao possibilitar o diálogo dos saberes científicos, mas também na difusão de valores, no estímulo do protagonismo social dos alunos, na compreensão da realidade, no desenvolvimento da sociedade, dentre outros aspectos relevantes.

Ao ver que o trabalho da escola tem causado efeito positivo na comunidade, entendemos que a mesma tem desenvolvido, em suas práticas, um caminho promissor, a fim de desenvolver um senso crítico nos alunos sobre as potencialidades de onde vivem. E isso é gratificante, ao saber que essas atividades realizadas contribuem para a conscientização das crianças e que tem chegado aos pais, vizinhos e líderes comunitários, de forma a despertar curiosidade sobre tais práticas.

## REFERENCIAS

BOOF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do ser humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: RJ: vozes 1999.

BRAGA, O. R. Educação e convivência com o Semiárido: uma introdução aos fundamentos do trabalho político- educativo no semiárido brasileiro. In: KUSTER, A.; MATOS, B. H. O. de M. **A educação no contexto de semiárido brasileiro** – Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. P: 27-46

BRASIL, **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf> . Acesso em: 06 out. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB Lei nº 9394/96**

CALDART, R. S. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso**. *Trab. educ. saúde* [online]. 2009, vol.7, n.1, pp.35-64. ISSN 1981-7746. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

CARNEIRO, V. **Educação contextualizada: uma estratégia de convivência com o semiárido**. In: VII Encon ASA. Juazeiro-BA. 2010

- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O Campo da Educação do Campo. In: **Por uma educação do campo – contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004. (Coleção Por Uma Educação do Campo, nº. 5)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_, **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MALVEZZI, Roberto. **Semiárido-uma visão holística**. 1 ed. Brasília: CONFEA-Superintendência Comunicação e Marketing 2017. 140p.
- MC LAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977
- MOURA, Abdaliz. **Filosofia e princípios da PEADS (PE) e do CAT (BA)**. In: Educação rural: sustentabilidade do campo. Feira de Santana (BA) MOC; UEFS (PE) Serrita, 2005.
- KUSTER, A.; MATTOS, B. H. O. de M. A. **Educação no contexto do semiárido brasileiro – Fortaleza: Fundação konrad Adenauer, 2004, 214 p.**
- SILVA, M. R. A; ARAÚJO, A. M. R. B. **A Conquista da Escola Plínio Lemos para o Assentamento Zé Marcolino**. In: IV Congresso Nacional de Educação, 2017, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: Realize. 2017.
- SILVA, A. M. P.; Silva, A. P.; SIQUEIRA, E. C. S. **Educação do Campo: Contextos de Vivências Significativas**. In: I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2016, Campina Grande. *Anais*. Campina Grande: Realize, 10 a 12 de novembro de 2016.
- SILVA, A. P.; DANTAS, D. N.; BUENO, R. J. **Construindo a Educação para a Convivência com o Semiárido**. Revista OKARA. João Pessoa, PB, v. 3, n. 1, p. 128-148, 2009.
- SILVA, L. P. C. **Palma Forrageira: Possibilidades Pedagógicas no diálogo de saberes para convivência com o semiárido**. 2014. (Dissertação de Mestrado)- Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Bananeiras- PB,
- SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

